



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ERICA PAULA DE VASCONCELOS DOS SANTOS

**QUEM PUXA O GATILHO? VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA MORADORES DA
FAVELA PLANETA DOS MACACOS, SALVADOR, BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ERICA PAULA DE VASCONCELOS DOS SANTOS

**QUEM PUXA O GATILHO? VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA MORADORES DA
FAVELA PLANETA DOS MACACOS, SALVADOR, BA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, sob orientação da Profa. Dra. Zelinda dos Santos Barros como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ERICA PAULA DE VASCONCELOS DOS SANTOS

**QUEM PUXA O GATILHO? VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA MORADORES DA
FAVELA PLANETA DOS MACACOS, SALVADOR, BA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, sob orientação da Profa. Dra. Zelinda dos Santos Barros como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 02/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA OU QUESTÃO NORTEADORA	8
3	OBJETIVOS	8
3.1	OBJETIVOS GERAIS	8
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
4	JUSTIFICATIVA	8
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
6	METODOLOGIA	14
7	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Tem gente de terno e gravata matando o Brasil.
 Minha favela...
 Como é que essa gente tão boa.
 É vista como marginal,
 eu acho que a sociedade tá enxergando mal...
 balas perdidas no ar,
 até que o silêncio gritou
 dois corpos no chão
 que azar
 feridos na mesma ambulância
 uma dor de matar,
 mesmo mantendo a distância
 não deu pra calar,
 é que o judiciário tá todo comprado
 e o legislativo tá financiado
 e o pobre operário que joga seu voto no lixo
 não sei se por raiva ou só por capricho
 (Arlindo Cruz, 2009)

Este trecho da música “Numa cidade muito longe daqui - polícia e Bandido”, descreve de forma melódica o que acontece no dia-a-dia de quem mora em favela e deve se acostumar com as abordagens policiais. Quando o compositor diz “tem gente de terno e gravata matando o Brasil”, são justamente os representantes do Estado que desviam verbas públicas e que não investem nem segurança, nem em educação como deveriam - e as consequências atingem a maioria da população.

O que realmente há por trás disso é um genocídio da população negra, porque os negros são como símbolos dos que carregam as marcas no corpo, sendo historicamente mais atingidos pelas representações negativas acerca da raça (RAMOS, 1996). De acordo com Vilma Reis (2005), há uma violação de direitos, por conta da condição identitária da maioria dos sujeitos afetados pelos desdobramentos das políticas de segurança pública. Ao refletirmos sobre o papel da polícia em uma sociedade democrática de direito, percebemos que a violência policial aparece como um contraponto às narrativas de um processo civilizador porque, ao invés de garantir a ordem pública e mediar os conflitos, a polícia causa graves transtornos.

No Brasil, a violência assume um caráter racial e de classe, pois incide diretamente e de modo desproporcional sobre a população que mora em favelas. Infelizmente, a cor da pele tem sido o indicador escolhido pelo Estado para decidir quem vai sobreviver e quem vai morrer, assim como influencia nas oportunidades e

na qualidade de vida no Brasil. Em 2010, a ONG Anistia Internacional lançou a campanha nacional “Jovem Negro Vivo”, que evidenciou que mais da metade das vítimas de homicídio - 70%, eram negras e moradoras de zonas periféricas. A favela é o local habitado majoritariamente por negros, que são socialmente marginalizados e alvos preferenciais das incursões policiais.

Atualmente, ainda estamos vivenciando um cenário onde existem diferenciações de tratamento que variam segundo a cor da pele, o que pode ser visto como herança dos processos de miscigenação e branqueamento do Brasil. Narrativas racistas do período escravocrata são as mesmas, só mudaram as colocações tempos verbais. Em muitos lugares de Salvador, o racismo tem endereço e cor específicos: o endereço são as favelas e periferias; a cor é negra. Infelizmente, estes mecanismos que regem a sociedade brasileira são os mesmos que também manipulam o relacionamento entre a população preta periférica e as autoridades policiais. Quando aparece um corpo negro no chão da favela vitimado pela violência policial, apesar de diretamente implicados nas mortes, os policiais agem respaldados por uma estrutura racista que leva estes agentes públicos a oprimirem a população negra (PINHEIRO, 2013).

Esta pesquisa, de cunho etnográfico, buscar refletir sobre a violência policial a partir da inversão verificada no papel da polícia nos bairros periféricos em comparação ao papel por ela exercido nos bairros ricos Salvador. Se nos bairros ricos observa-se o cumprimento do seu papel de proteger os cidadãos, nos bairros periféricos este papel é invertido, pois ela opera como um agente do poder de matar exercido pelo Estado. Direciono minha pesquisa para a análise do racismo institucional, que tem se caracterizado pela omissão do Estado em relação aos assassinatos de jovens negros pela polícia.

A pesquisa proposta será realizada em memória de Eulálio dos Santos Júnior (meu irmão mais velho), morto pela polícia e mais um número da estatística de jovens negros mortos no Curralinho, favela de Salvador, ao ser confundido com traficante. Reforçando a naturalização da favela como espaço violento e de cometimento de crime por toda a população, em referência ao episódio o jornal Correio da Bahia, estampou na capa: “Morre o maior traficante do Curralinho”.

Como personagem do cenário denominado favela, sempre me incomodaram as formas de abordagem Polícia, sendo constatadas, em alguns casos, desfechos graves como a morte. Quando são exigidas explicações por parte das autoridades policiais, a responsabilidade geralmente recai sobre o próprio negro favelado, seguida de alegação de que não há racismo na segurança pública. Pesquisas como o Mapa da Violência (JACOBO, 2014), no entanto, revelam o aumento do número de mortes de negros e a diminuição do número de mortes entre os brancos.

O título mais apropriado para este projeto talvez fosse “Parem de nos matar!”, o que me leva à história contada por dona Maria, que estava em sua janela quando ouviu o tiro que foi dado no peito do jovem Matias e viu quando o carro da polícia levou o corpo. A favela, que dormia, acordou com o barulho da pistola que matou Matias. Na manchete do jornal no dia seguinte: “Morre o traficante na favela da Baixa Fria”. O título “Quem puxa o gatilho?”, foi inspirado no filme “Tropa de Elite”, que retrata como os policiais do BOPE agem nas favelas do Rio de Janeiro, além de mostrar as várias faces da mídia e sua relação com a corrupção. Esta frase é uma das falas do capitão Nascimento, que afirma que a Polícia age de modo violento nas favelas a mando do Estado.

Início o projeto com esta questão lançada de forma figurativa porque a palavra gatilho está associada à arma de fogo, mas, na verdade, o “gatilho” é uma peça do fecho da arma que serve para destravar o cão, que é outra peça da arma que faz atingir o projétil para que aja o disparo. Utilizo esta metáfora para me referir às diversas formas e as armas que o Estado usa para exterminar a população periférica e favelada. Nesta metáfora, com a palavra “quem” faço referência aos representantes das classes dominantes que usam o poder da força representada pela Polícia. O subtítulo delimita o objeto e *locus* da pesquisa, que são a violência policial e o Planetas dos Macacos, respectivamente.

2 PROBLEMA OU QUESTÃO NORTEADORA

Como podemos constatar a inversão do papel institucional dos agentes responsáveis pela segurança pública nas favelas e zonas periféricas, uma vez que em locais habitados por pessoas de classe alta o seu papel permanece sendo o de manter a ordem e garantir segurança?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como a violência policial se apresenta no tratamento dispensado aos moradores de um bairro periférico de Salvador do “Planeta dos Macacos”.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Evidenciar o modus operandi do racismo que incide sobre a população negra periférica;
- Descrever como vivem os familiares das vítimas de operações policiais;
- Comparar os índices de letalidade por violência policial da favela Planeta dos Macacos com os índices de bairros de classe média soteropolitano;
- Identificar as demandas sociais surgidas a partir da intervenção violenta da polícia na favela.

4 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa traz narrativas e análise sobre as abordagens policiais na favela do “Planetas dos Macacos” cujo o “Nome Social: Conjunto Habitacional de São Cristovão” e o “Nome popular: Planeta dos Macacos”, a origem do nome surge

em 1925 após fundação do aeroporto. Antes, neste lugar existiu uma fazenda chamada Cachoeira cujo o dono era um português de nome Pedro Cachoeira. Relatos de moradores afirmam que o local tem este nome por ser desorganizado e por possuir muitos negros, outros dizem que a região ainda é muito habitada por macacos (“nicos”) por causa da fazenda que ali existia.

A população do último censo: 78.864 pessoas (dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Localizada em Salvador, sendo discutidas principalmente as mortes de jovens negros que surgem destas abordagens. Também pretendo analisar as diferentes abordagens levando em comparação as favelas e os bairros nobres de Salvador. Também é um ato de resistir, quero que as crianças negras da favela possam brincar e andar sem ser atingida por uma “bala perdida”, quero que os jovens não seja o número na estatística de morto e sim um ingressante na universidade, o motivo maior que me motivou a iniciar esta pesquisa foi o cansaço físico, mental e espiritual de ver corpo negro morto no chão.

Pois como moradora de favela desde a infância e vendo abordagens policiais violentas com os moradores que em muitos casos ou o corpo desaparecia ou morria na presença dos vizinhos, pude testemunhar o ocorrido em minha própria família, e como cientista na academia buscando teorias e dados comprovaram que morrem mais negros do que branco. Em memória de meu irmão, Eulalio dos Santos Junior, e em memória de todos os jovens inocentes que foram mortos na mesma ocasião que eu decidir iniciar a pesquisa, também afeta as expectativas de vida de todas as pessoas que participam da vida desses jovens que morrem em decorrência da violência policial (REIS, 2005), esta pesquisa também é dedicada a dona Elizabete de Vasconcelos dos Santos, mulher negra, mãe solteira, dona de casa, minha mãe e um grande símbolo de resistência.

Como membros de uma instituição pública, os policiais não cometem sozinhos os crimes com indivíduos, pois existe por trás das abordagens violentas deles uma ordem de extermínio da população negra periférica, e não só da população mais de outros elementos que estão ligados a esta população, ou seja, são práticas genocidas com o objetivo de destruição dos elementos constitutivos da existência não só do corpo como da língua, da cultura, da identidade nacional, mas também da liberdade, como constata o **“Dossier Especial: Genocídio”**, da

Universidad del Museo Social Argentino (2015). A juventude negra deste século está sendo vigiada e punida com rigor, como ilustrou o Wrigth (1940) em seu livro *Native Sun* (Filho Nativo). Atualmente, as organizações e instituições como a ONU-UNESCO, UNICEF e outras, que estão aprofundando os estudos realizados em centros universitários, têm confirmado em suas pesquisas que a violência letal atinge em maior grau o grupo de jovens negros, sendo isto uma forma de esgotar corpos negros.

Esta pesquisa é uma das ferramentas que serão utilizadas em pesquisas futuras que tratem de genocídio, de racismo institucional e para quem for pesquisar sobre a favela do Planeta dos Macacos, sobre a qual praticamente não se tem dados. Além de abordar um assunto polêmico - as abordagens policiais em favelas, que resultam no aumento expressivo do número de jovens negros mortos por policiais, esta pesquisa revela como as representações sobre a juventude estão sendo marcadas pelas relações de gênero, classe e raça. As representações construídas sobre jovens negros têm sido uma forma de que “aprendam o seu lugar” (GONZALEZ, 1983), enquanto, por outro lado, a juventude branca é celebrada como símbolo de sucesso e futuro (JACOBO, 2003).

Pretendo, com o desenvolvimento desta pesquisa, ampliar os estudos sobre genocídio da população negra pelo Estado e, com o apoio de teorias socioantropológicas e as atividades de campo, apontar as perspectivas e os desafios de moradores de uma das favelas mais estigmatizadas de Salvador, que é o Planeta dos Macacos, assim como criar movimento de intervenção e projetos sociais para diminuir as estatísticas de jovem negro favelado morto pela polícia, como também fala do projeto da Unilab, para que possam ingressar na universidade e usar o conhecimento como escudo de auto defesa social.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o seu conceito de biopoder, Foucault (1970) nos ajuda a compreender como o exercício da violência policial é legitimado pelo Estado, que permite, desta forma, que as penalidades se exerçam mais no suplício de determinados corpos que

na razão da justiça, de acordo com os princípios de universalidade do direito. Logo, pelo fato de vivermos em um Estado racista, o uso desta força em seu próprio benefício, contraria os interesses da população negra.

De acordo com Hannah Arendt (apud Tse Tung, 2004, p. 7) “O poder brota do cano de uma arma”, o que equivale a afirmar que quem possui uma arma tem o poder de decidir quem vive e quem morre. Em tese, vivemos numa sociedade civilizada e, conseqüentemente, devemos respeitar as normas para viver nesta sociedade, onde atos de violências não devem fazer parte deste convívio, pois contrariam princípios constitucionais. No entanto, o Estado usa a violência para estabelecer suas regras e manter os indivíduos submissos a ele, como acontece nas favelas e periferias.

Fábio Alves de Araújo (2016) afirma que, por ser a favela um local que está relacionado à inferioridade, surge um artefato do trabalho policial que é a “construção da reputação”, ou seja, um lugar onde, para eles, a violência vem dos próprios favelados, definidos como traficantes de drogas que devem ser tratados de forma violenta. Como descrito no livro “Elite da Tropa”, de Luiz Eduardo Soares, no hino do Batalhão de Operações policiais Especiais (BOPE) está expresso que eles entram na favela para matar.

De acordo com a definição dada pela Unesco, na Declaração sobre raça e os preconceitos raciais, Art. 2º, item 2, “racismo engloba as ideologias racistas de atitudes fundadas em preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdade”, o que nos ajuda a explicar a diferenciação de tratamento ao grupo de pessoas negras e ao de pessoas brancas pela Polícia.

No processo de extermínio da população negra, estão envolvidos interesses econômicos amparados por narrativas racistas que defendem que o negro é inferior ao branco por não possuir a mesma capacidade intelectual. Mesmo com o aumento do número de jovens negros em universidades públicas e com algumas políticas públicas focalizadas, a violência contra negros se mantém. Segundo o senador Lindbergh Farias, relator da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o assassinato de jovens

Eu só queria lembrar que o massacre de Srebrenica, onde 8,5 mil muçulmanos foram mortos, a Comunidade Internacional entendeu que era um genocídio. Aqui (...)temos tido **23 mil jovens negros mortos por ano, ou seja, nós temos três vezes mais**, em termos de ocorrências, aquilo que levou a Comunidade Internacional a entender que era um genocídio.

Segundo as estatísticas do Mapa da Violência – 2012 sobre a cor dos homicídios no Brasil”, as mortes por homicídio que poderiam ter sido motivadas por raça somente vieram a ser analisadas em 2005, graças à pressão do movimento negro. Desde 2002, tem se observado uma queda absoluta de homicídios na população branca e o aumento na população negra. Políticas públicas e outros mecanismos que o Estado afirma criar para beneficiar os negros não tem sido capazes de inibir a matança de negros, o que revela o racismo institucional do Estado. Este termo surge em 1967 por ativistas negros, entre eles Stokely Carmichael, para afirmar que o racismo é “onipresente”, ou seja, ele está presente em todos os lugares, e ele “permeia a sociedade tanto no nível individual quanto no institucional”. Por este motivo, seria impossível termos o racismo presente nos indivíduos, mas sem refletir nas instituições do Estado. Por isto, neste caso, o racismo institucional é camuflado, porque suas causas não são detectáveis, porém, com os efeitos bastantes invisível (CASHMORE, 2000). É bem verdade que nos dias atuais o racismo institucional das relações raciais, culturais, étnicos, apesar de ter crescido acabou tomando o espaço e mostrando sua utilidade como instituição.

Em “O genocídio do Negro Brasileiro” (1978), Abdias Nascimento afirma genocídio é o uso de medidas deliberadas como injúrias corporal, mental, etc., para extermínio de um grupo racial. No atual cenário político do Brasil, em que está sendo observado um retrocesso na garantia de direitos à população negra, o debate trazido por Abdias torna-se oportuno. Em se tratando da população negra brasileira, falar de genocídio é falar de racismo. Segundo a definição de Cashmore (1996), etimologicamente, o termo “genocídio” é a soma do grego *genos*, que significa grupo ou tribo, e da palavra de origem latina *cide*, que quer dizer matar; genocídio também significa qualquer ato cometido com a intenção de destruir total ou parcialmente um grupo étnico, racial ou religioso. Em 1948, a Convenção da UNCG descreveu a prática em algumas fases, uma delas foi: matar membros do grupo; causar sérios danos físicos; intervir de forma deliberada nas condições de vida do grupo para

calculadamente produzir sua destruição física, parcial ou total. (CASHMORE, op. cit.)

De acordo com a definição dada pela Unesco, na Declaração sobre raça e os preconceitos raciais, Art. 2º, item 2, “racismo engloba as ideologias racistas de atitude fundadas em preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdades”, o que nos ajuda a explicar a diferenciação de tratamento ao grupo de pessoas negras e ao de pessoas brancas pela polícia. No artigo “Crime de Maio”, que retrata a vulnerabilidade dos jovens à morte violenta, as autoras conceituam o racismo segundo a ótica de Foucault (2000), que menciona o biopoder e a ideia de que quanto mais forem eliminados os “degenerados”, mais fortes e vigorosos serão os demais.

Seríamos nós, os negros a carne mais barata do mercado? Para discutirmos este assunto, também devemos mencionar a relação entre Direito Penal e racismo. Ana Flauzina (2006) afirma que, mesmo com o apagar das luzes do período escravocrata, este movimento nunca deixou de ser referência importante na condução da política, o que faz com que o Estado opere na esteira de um projeto de manutenção de determinadas vidas por meio da manutenção do racismo, que sustenta a produção da morte.

E como falar sobre morte quando não há corpo? Fábio Alves (2016) cita a experiência de uma antropóloga numa delegacia de desaparecidos e o seu desapontamento no decorrer do trabalho de campo. Diante do desaparecimento de uma pessoa rica, as instituições responsáveis fazem busca, investigação, perícia e até mesmo mobilização em redes sociais. Por outro lado, se desaparece uma pessoa pobre, quem dá o parecer são os próprios policiais, que, em alguns casos, são também os responsáveis pelo desaparecimento.

Como moradora de favela, sei que quando a viatura de polícia entra com as luzes e faróis apagados, são para prestar contas e depois desaparecer com o corpo. O próprio Estado, segundo Vilma Reis, muitas vezes provoca o aumento do número de jovens negros mortos e causa, desta forma, consequências muitas vezes fatais nas vidas de mulheres que estão diretamente ligadas a eles, especialmente as mães.

Partindo desse pressuposto usarei as palavras de Achille Mbembe, quando ele usar a o conceito de “necropolítica”, para afirmar que é “La hipótesis de que la expresión última de la soberanía reside ampliamente em el poder y la capacidad de decidir quién puede vivir y quién debe morir”. (MBEMBE, 2006, p.19,)¹.

6 METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho qualitativo, será realizada no bairro de São Cristovão, em Salvador/BA, numa favela conhecida como “Planeta dos Macacos”. Inicialmente, farei uma revisão bibliográfica sobre o tema, recorrendo a livros, artigos, teses e dissertações relacionada com o tema. Como fonte de dados estatísticos, utilizarei o Mapa da Violência, publicado no Rio de Janeiro em 2014, o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o assassinato de jovens e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Sendo uma localidade de intensa atividade do narcotráfico, tomarei algumas medidas de segurança, como não aplicar questionário nem fazer entrevista. Meu vestuário será simples e não chamativo, sendo parecido com o vestuário das pessoas que trabalham nas zonas rurais (para não chamar atenção na localidade e nem ser comparada com um agente de segurança pública). Para captura de informações, acompanharei o dia-a-dia dos moradores e o comportamento da polícia em suas operações dentro da favela, onde passarei a morar no local por um período de 6 (seis) meses. Adotarei o método etnográfico será “observação participante”, além de ser uma das técnicas mais requerida será também uma investigação etnográfica, porque, estarei observando sistematicamente e controladamente o que acontece em torno do investigado e do investigado e problematiza-las, recorrendo à observação e às anotações de campo somente registradas quando chegar em casa, por medida de segurança.

É importante lembrar que até mesmo para se tornar moradora de lá (do local em que estou centralizando minha pesquisa) devo ter aproximação com alguém que mora na localidade por um determinado tempo. Frequentarei locais como igrejas, mercadinhos e postos de saúde, que são lugares estratégicos em que as pessoas

trocam informações dos acontecimentos, estarei andando sempre pelas ruas principais.

Durante o período em que morarei na comunidade para captura de informações, troca de experiências e escuta de depoimentos de famílias que já tiveram algum parente morto em operação policial, observarei e ouvirei as histórias em rodas de conversa. Para evidenciar que realmente existe um tratamento diferenciado, a depender da localidade e da cor da pele, usarei dados estáticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e aplicarei questionário fechado em três localidades diferentes, não periféricas, com perguntas direcionadas sobre o *“tratamento da polícia e seu papel na proteção daquela localidade”*.

Para preencher as lacunas dos dados no que tange à polícia, entrevistarei o delegado responsável pela 17ª Delegacia de São Cristovão, que está localizada defronte o Planeta dos Macacos. Farei uma entrevista com questionário aberto, com perguntas relacionadas à eficácia da Polícia em localidades periféricas e os principais desafios desta corporação. Além de visitar órgãos públicos como: Hospital Geral do Estado (HGE), Nina Rodrigues (IML), Fórum Criminal, Delegacia de Crimes Raciais e Intolerância (DECRADI), para autenticação de dados e experiências. A falta de relatos históricos sobre comunidades periféricas também é uma forma de genocídio, um genocídio cultural, epistemicídio (MOTA JÚNIOR, Edson Santos, 2019).

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. Da **Violência**. Tradução: Maria Claudio Drummond: On Violence, 1969-2004.
- ARAUJO, Fábio Alves. **Não tem corpo, não tem crime**: notas socioantropológicas sobre o ato de fazer desaparecer corpos. Rio de Janeiro: Porto Alegre, 2016.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.
- FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**, Editora Vozes, 1999. - Burns, McNall Edward. História da Civilização Ocidental, Volume II, Editora Globo, 1980. - Galvêas, Elias Celso.
- INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN CONCEPTOS. **Dossier Especial**: Genocidio. Museo Social Argentino, edición 90°. Año 90/ 2015.
- MBEMBE, Achille. **Necropolitique**: en Traversées, diásporas, modernités, Editorial Melusiana. Espanã. 2006.
- REIS, Vilma. **Atucaiados pelo Estado**: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia: Faculdade de filosofia e ciencias humanas, Bahia.
- RUOTTI, Caren; ALMEIDA, J.F.; REGINA, F.L. **A vulnerabilidade dos jovens á morte violenta**: um estudo de caso no contexto dos “Crimes de Maio”. São Paulo, v.23, n.3, p.733-748, 2014.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência**: os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2014.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICA. **Pesquisa Nacional de População do ultimo censo**. População de São Cristovão . 2016. Bahia, 2017.
- RESTREPO, Eduardo. **Técnicas etnográficas**. Colômbia, 1990.

ANEXOS

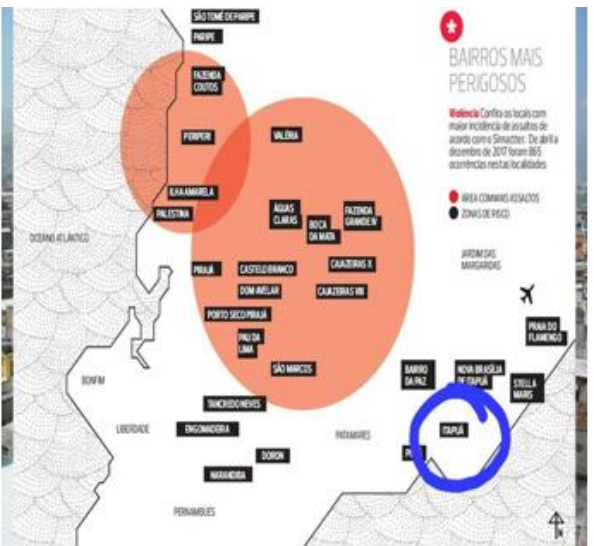
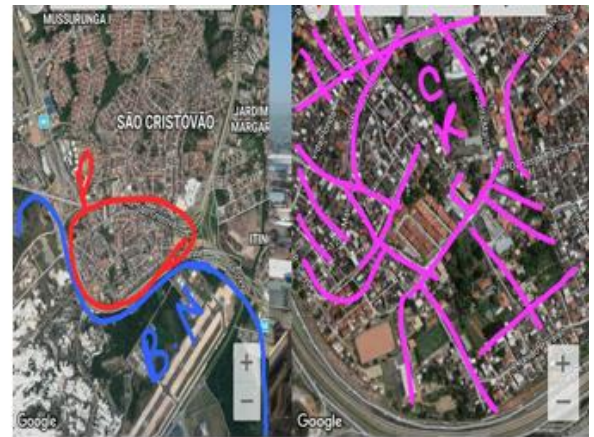
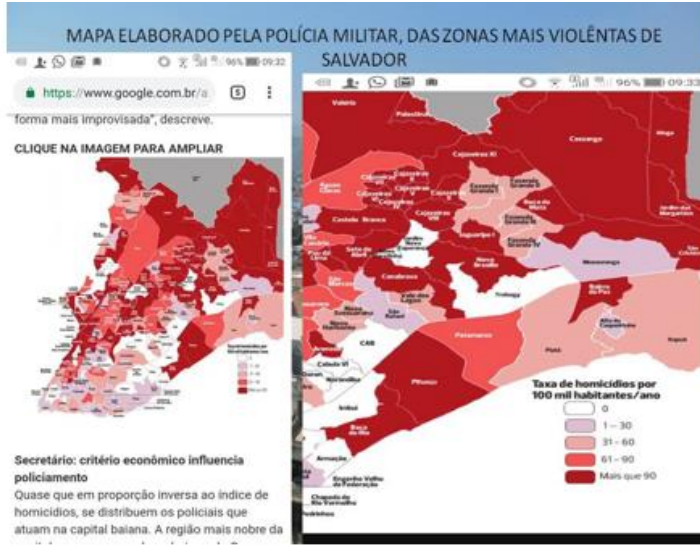


Fig 1- PM (principal do muro); Fig 2- M (muro); B.N (bairro nobre); P (principal);



Mapa criado para alertar aos motoristas do aplicativo de transporte UBER, para não entrarem nestas localidades consideradas altamente perigosa.

Secretário: critério econômico influencia policiamento
Quase que em proporção inversa ao índice de homicídios, se distribuem os policiais que atuam na capital baiana. A região mais nobre da

Principais notícias que são mais frequentes da favela do planeta dos macacos, cujo nome social é são Cristóvão.

salvador

Confronto provoca morte no Planeta dos Macacos

Uma guarnição da PM foi recebida a tiros por traficantes durante a madrugada

Redação CORREIO

22.11.2008, 12:43:49

salvador

Paripe, Lobato e São Cristóvão, estão entre os dez bairros mais violentos de Salvador

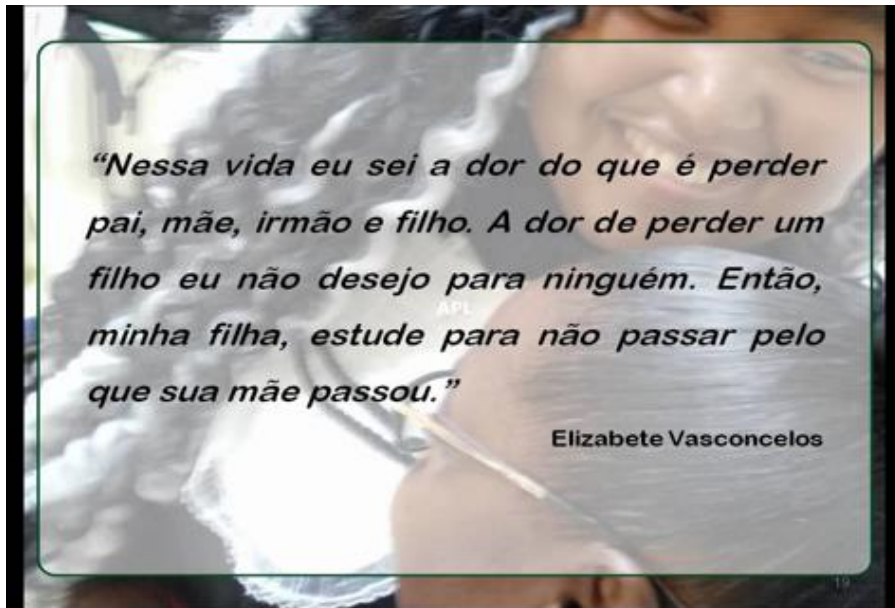
Este ano, os três bairros somam 75 dos mil homicídios anuais nas estatísticas da SSP

Clarissa Pacheco
clarissa.pacheco@redebahia.com.br

23.08.2016, 07:39:00
Atualizado: 23.08.2016, 16:27:20

Policiais da Rondesp (Rondas Especiais) fizeram uma incursão em Planeta dos Macacos, no bairro São Cristóvão, para reprimir o tráfico madrugada desta sexta-feira (2); recebida a tiros pelos traficantes.

De acordo com informações d...



Frase de encerramento falada pó Elizabete Vasconcelos, minha mãe e a homenageada deste projeto